

Nenhum

N. Fica ^{14/6}
82

Estávamos em fins de 1970.

Kaulza da Arriaga, ó general fascista que comandava as tropas portuguesas, propalava em entrevistas, e conferências na Europa e Américas, que a guerra estava a chegar ao fim, ao mesmo tempo que dava garantias de uma vitória militar das suas forças.

Maio de 1971. Um ano depois da «Nó Gordio», iniciou-se uma outra gigantesca operação, a «Badanal I», de seu nome de código. Kaulza da Arriaga esteve em Mueda, acompanhado dos seus conselheiros e jornalistas, entre eles sul-africanos.

O general falou com alguns dos seus soldados, dando explicações e justificações sobre a operação a iniciar-se. Argumentava aquele chefe militar que o momento era o ideal para dar o golpe final na FRELIMO, que atravessava um período de crise devido aos resultados da «Nó Gordio». Um soldado, que escutava as palavras do general, perguntou-lhe se a operação iria alcançar os objectivos planeados. Como resposta, Kaulza da Arriaga afirmou: «Meu filho, sabes que se não estivesse convencido da nossa vitória, que iria realizar esta operação?»

O objectivo da «Badanal I» era o de penetrar na zona da Base Beira, santuário dos guerrilheiros, considerada como o «Novo Vietname» pelos soldados portugueses. O medo estava estampado no rosto de cada um deles e as suas palavras evidenciavam bem, sem simulação, o horror de combater na zona da Base Beira. Kaulza dizia que a abertura de uma picada e a construção de uma base pelo exército colonial neutralizariam a acção dos guerrilheiros.

«Da Arriaga foi dizer em Portugal que a guerra tinha acabado. Foi buscar 80 mil soldados, aviões, helicópteros e canhões. A guerra não acabou» — lia-se numa mensagem, assinada por Nenhum Fica, deixada pelos guerrilheiros aos comandos do exército português, que se «estreavam». A operação durou 29 dias. Chuva e frio. Fome e sede. Bombardeamentos diários e incessantes de morteiro e canhão, até que a engenharia militar conseguiu construir a base «Beira Nova», onde ficaram instaladas a infantaria e artilharia do exército colonial.

«Entrai. Sejais bem-vindos. A mesa está pronta e a comida está à vossa espera para o almoço e para o jantar. Mas cuidado, se comerdes com avidez, a comida não passa para o estômago. Obrigado Da Arriaga por teres trazido comida para as nossas armas». Lia-se numa outra mensagem, também assinada por Nenhum Fica, que foi deixada pelos guerrilheiros numa base de onde se retiraram.

Setembro de 1971. O comando militar português ordenou a realização da operação «Badanal II», com o objectivo de proceder-se à retirada das tropas, que haviam ficado aquarteladas na base «Beira Nova». Dois meses de guerra. De ataques. De bombardeamentos. Os soldados passavam a vida nos abrigos. Ali comiam, dormiam, liam e evacuavam. Dois meses a viver debaixo da terra, como toupeiras, sem notícias da família, sem saber nada do Mundo cercados por todos os lados, fustigados pelos obuses do canhão sem recuo e pelas granadas de morteiro 81. Quantos mortos, quantos feridos...

O golpe final? Sim, para Kaulza da Arriaga e para as suas tropas. Já ninguém tinha dúvidas da derrota do exército português. «Dizemos que eles (os guerrilheiros) é que são os terroristas. Mas, os terroristas somos nós. Aquilo é uma fortaleza inexpugnável. Reparou na maneira como as palhotas estavam feitas? Bonitas, não é? capim à volta e caídas na base? E as machambas de milho, mandioca e amendoim?» — dizia um soldado português ao seu capitão...